

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica» Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



que a formavam, incorporando-se nela um grupo de peregrinos espanhóis, em número de 36, da diocese de Santiago de Compostela. Também tomaram parte nessa to-

Depois da procissão das velas, que terminou próximo da meia-noite, foi solenemente exposto o Santíssimo Sacramento dentro da nova igreja em construção.

O sr. Vigário Geral de Leiria proferiu as invocações habituais e renovou a consagração dos fiéis ao Imaculado Coração de Maria. O Senhor Bispo de Leiria, que

peregrinos que se aglomeravam na esplanada.

Durante a cerimónia da bênção dos doentes, Sua Majestade, a Rainha da Itália, a Princesa Maria Pia e Mestra, acompanharam piedosamente o Santíssimo, levando cada uma delas na mão uma vela acesa.

O comendador Nardi levou a umbrela.

Os doentes que previamente tinham sido observados no Posto das verificações médicas do Santuário e cujos nomes ficaram inscritos no livro de registos do referido Posto, eram em número de 200, mas havia muitos outros além desses.

No Posto prestaram obsequiosamente os seus serviços os distintos médicos srs. drs. José Maria

(Continua na 3.ª página)

A PEREGRINAÇÃO DE SETEMBRO, 13

A peregrinação mensal de Setembro último ao Santuário da Fátima foi indubitavelmente mais concorrida que a do mesmo mês nos anos anteriores. Distinguiu-se ainda pela grande piedade com que se efectuaram todas as cerimónias.

O tempo, mesmo na véspera, esteve esplêndido. Por isso, a procissão das velas decorreu muito bem, com entusiasmo e fervor dos fiéis

cante manifestação de fé e piedade a Rainha da Itália, senhora D. Maria José, sua filha a princesa Maria Pia, a professora desta e o comendador Nardi, dignitário da corte, que faziam parte do seu séquito.

Começou logo a cerimónia da adoração geral que durou, como de costume, duas horas. Rezou-se o terço dos mistérios gloriosos, tendo pregado nos intervalos das dezenas o rev.º Frei Diogo Crespo, religioso franciscano. Assistente Nacional da J. C. no nosso país.

Houve em seguida vários turnos privativos de adoração: das 2 às 3 horas, pela peregrinação dos Estoris; das 3 às 4, pela de Ferreira do Zêzere; das 4 às 5, pela de Peniche que fez o percurso até à Fátima em 5 camionetas e teve Missa privativa às 9 horas, e, das 6 às 7, pela da J. A. C., de Perafita.

As 7 horas, celebrou a Missa da comunhão geral Mons. Marques dos Santos, Vigário Geral de Leiria.

As 12 horas, rezou-se novamente o terço e realizou-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora até ao átrio da igreja do Rosário. Nesta procissão, além dos peregrinos espanhóis e de muitos outros de diversas localidades do país, tomaram parte dezenas de sacerdotes na sua grande maioria da diocese de Portalegre em exercícios na Cova da Iria.

Acompanharam esta procissão, assim como a última, Sua Majestade a Rainha da Itália e o seu séquito.

Celebrou a Missa dos doentes o rev.º dr. José Galamba de Oliveira, cônego capitular da Sé de Leiria, e assistente da Junta Diocesana da Acção Católica.

Sua Majestade a Rainha da Itália e a comitiva ficaram do lado direito do altar, junto do andor da Virgem.

Cantou-se a Missa «De Angelis» que foi acompanhada a órgão. Ao Evangelho, o rev.º Cônego Sebastião Cirac, professor de línguas orientais na Universidade Civil de Barcelona, fez a homilia, em que salientou a universalidade da «Mensagem de Nossa Senhora» na Fátima. Foi ele também que deu a bênção eucarística aos doentes e a todo o povo.

Este ilustre eclesiástico do país vizinho tem estado na Fátima a colher elementos para um livro que tenciona publicar brevemente sobre as aparições e os acontecimentos maravilhosos verificados naquela estância privilegiada do Céu.

Acção Católica

Guia da Acção Católica Portuguesa

Anuncia-se para breve o aparecimento do 1.º volume do Guia da Acção Católica Portuguesa.

O facto tem importância indiscutível e interessa não simplesmente aos associados, mas a todos os católicos de Portugal, pois todos eles devem desejar que cresça e floresça o grande Movimento criado pela arrojada iniciativa de Pio XI, organizado em nossa Terra pelo Episcopado da Nação, e patrocinado pelo carinho de Pio XII que, apesar das graves preocupações do seu doloroso Pontificado, constantemente lhe dá provas da sua predilecção.

A Igreja, imutável em seus princípios, providencialmente adapta os seus métodos de cristianização às circunstâncias de cada época. Em nossos dias, não pode contar apenas com a acção exercida dentro dos templos e com o apostolado dos sacerdotes.

Estes são poucos, não podem chegar a toda a parte, e a grande massa das populações não entra nas igrejas. Urge que as consciências sejam iluminadas no meio em que os homens exercem a sua actividade, por apóstolos desse meio, e por processos modernos de conquista. Nisto reside a novidade da Acção Católica.

Organizado o Movimento em Portugal há treze anos, desde o primeiro dia teve a sua Carta Magna nas Bases Orgânicas, aprovadas pelo Episcopado. E as Bases cedo deram origem a estatutos e a regulamentos.

Chegou a hora de reunir num só Estatuto todos os estatutos, num só Regulamento todos os regulamentos. Esse trabalho, que custou prolongado estudo e laboriosas canseiras, encontra-se realizado no 1.º vol. do Guia da Acção Católica Portuguesa.

De futuro, até os menos versados nestes problemas poderão adquirir com facilidade as noções necessárias para servir com eficácia a Igreja, na nova cruzada que ela criou e dirige.

Evidentemente, não basta a lei para fortalecer o amor, a dedicação e a generosidade que a Acção Católica reclama. Continuarão a ser necessários cursos, reuniões, retiros e muitas outras actividades, para que a árvore já frondosa cresça sem cessar, e sem cessar produza abundantes frutos de bênção.

Mas a lei é necessária para unificar, disciplinar e consolidar a organização.

Como as Bases que, precisadas na sua forma, se reeditam, o Estatuto e o Regulamento que se publicam no Guia, são suficientemente claros, para que todos os compreendam, e largamente desenvolvidos, para que todas as questões mais importantes neles encontrem solução.

O aparecimento desta obra marca um passo decisivo na história do Movimento.

Por isso, jubilosamente se saúda, já não como alvorada promissora, mas como realização forte e fecunda, fruto de energia serena e de inalterável confiança.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis



AMPLIAÇÃO DO SELO COMEMORATIVO DO TRICENTENÁRIO DA PADROEIRA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Às que pertencem á família do Sacerdote ou Seminarista

A sacerdote segundo o coração de Deus, deve corresponder sempre, uma mãe de sacerdote segundo o Coração Imaculado de Maria

Mãe, irmãs ou madrinhas, que todas têm a sua cota-parte de responsabilidades e deveres para com essa vocação que no seio da sua família desportou, ou que elas se comprometeram, perante Deus, a procurar amparar e auxiliar.

E como é que Maria foi Mãe? Quais os seus ensinamentos e lições?

Apenas quatro palavras da Mãe de Jesus nos transmitem os Evangelistas e só Lhe fazem o rectamente umas nove referências mais, exceptuando as passagens do nascimento de Jesus, fuga para o Egipto, etc., em que os Evangelistas falam do Menino e Sua Mãe:

— Eu sou a escrava do Senhor, taça-se em mim segundo a tua palavra (Luc. 1-2-38).

— A minha alma engrandece ao Senhor; e o meu espirito se regozijou em Deus meu Salvador... (Luc. 1-3-46 e 47).

— Filho, porque usaste assim connosco? Eis que teu pai e eu te andávamos buscando cheios de aflicção! (Luc. 11-7-48).

— Fazei tudo o que Ele vos disser (J. 11-3-5).

— Estando desposada Maria Sua Mãe com José... (Math. 1-2-18).

— E deu á luz a Seu Filho primogénito e o envolveu em paninhos e o reclinou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem. (Luc. 11-5-7).

— Maria porém conservava todas estas palavras conferindo-as no seu coração (Luc. 11-5-19).

— E depois que foram concluídos os dias da purificação de Maria... (Luc. 11-6-22).

— ... e uma espada trespassará a tua mesma alma. (Luc. 11-6-35).

— Mas Sua Mãe conservava todas estas cousas no seu coração (Luc. 11-7-51).

— Chegaram então Sua Mãe e Seus irmãos e estando da parte de fora o mandavam chamar. (Marc. III-8-31).

— Bem-aventurado o ventre que Te trouxe e os peitos que Te alimentaram (Luc. XI-31-27).

— Entretanto, estavam em pé junto á Cruz de Jesus Sua Mãe e a irmã de Sua Mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Magdalena. (J. XIX-6-25).

Maria Santíssima, a Mãe de Deus, tem nos Evangelhos um lugar a que quase se pode chamar apagado; os Evangelistas que com Ela conviveram só Lhe fazem as referências suficientes para que se sinta a Sua presença discreta ao lado do Senhor. E essas poucas referências quase todas dizem respeito ao nas-

AOS CRUZADOS DE FATIMA DE LOURENÇO MARQUES

Comunica-se que a cobrança vai ser feita pelo correio, em casa dos respectivos organizadores das «TREZENAS», devendo o primeiro recibo apresentado ser o respeitante ao mês de «Julho» sendo também ali entregues os jornais da «VOZ DE FATIMA» requisitados.

Pede-se a todos os «CRUZADOS» para comunicarem a Monsenhor Alves Martins — Séde da Paróquia — Avenida 24 de Julho, todas as alterações que entendam dever fazer nas suas «Trezenas».

cimento e infância de Jesus, época em que a vida de um filho esta forçosamente sempre confundida com a de Sua mãe.

Este pouco é muito. Juntas, vamos profundá-lo e meditá-lo em artigos subsequentes.

Da quasi ausência de Maria da narrativa da vida pública de Jesus, tiremos uma primeira lição.

Mãe de uma vocação sacerdotal, quem quer que tu sejas, ajoelha aos pés da Mãe de Cristo, o Único Sacerdote, e pede-Lhe que te ensine a exercer a tua missão em silêncio, passando despercebida aos olhos daqueles que rodeiam o teu padre ou seminarista, mas sempre vigilante pela tua oração e pelo esforço constante do teu próprio aperfeiçoamento, para cada vez melhor corresponderes á honra imensa que o Senhor te fez confiando aos teus desvelos uma vocação sacerdotal. E assim, ao lado de um «outro Cristo», tu serás verdadeiramente uma «outra Nossa Senhora».

Maria da Fátima

Publicações recebidas

MANUEL DE LLANOS

Artista e Mártir

Tradução do castelhano pelo P. João Mendes S. J. — Ótimo livro para tod sabretudo para rapazes — 220 pág. 12\$50. Ainda nas livrarias.

Fátima à prova

É hoje posto à venda nas livrarias e no Santuário da Fátima o novo livro do P. José Galamba de Oliveira há muito anunciado e esperado.

Poucos leitores, decerto recordarão a série de artigos há anos publicados sob o mesmo título nas nossas colunas. Mas muitos estudiosos das coisas da Fátima pediam a impressão dessa colectânea. O autor pôde agora encontrar uns momentos para rever o material publicado e organizar o que estava inédito e dá-nos num livrinho o que pôde encontrar de positivo neste assunto de tanta importância para os acontecimentos da Cova da Iria.

Pequeno na mole FATIMA A PROVA é contudo um dos mais valiosos e sérios contributos para a história da Fátima.

Ilustram o livrinho abundantes gravuras fora de texto e uma linda capa de João Carlos.

Fátima à prova não é um livro de edificação mas um livro cheio de documentos históricos, severo, simples e imparcial como convém ao assunto versado.

Os nossos parabéns ao autor.

Pedidos á GRAFICA — LEIRIA. Custa 10\$00. Está à venda em todo o país.

O Nosso Aniversário

A 13 de Outubro de 1922 saía duma modesta tipografia de Leiria com reduzida tiragem e formato o primeiro número da Voz da Fátima por iniciativa de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Venerando Bispo de Leiria.

O jornalzinho foi crescendo, crescendo e hoje de cada número saem centenas de milhar de exem-

plares. Teve de vir para Lisboa. Arranjou uma edição anglo-espanhola. Só Deus sabe de quanto bem a Voz da Fátima tem sido instrumento. Agradecemos a Deus no princípio deste novo ano as graças e bênçãos recebidas. Aos nossos leitores e amigos pedimos alvitres sobre a maneira de festejar daqui a um ano as Bodas de Prata da Voz da Fátima. Escrever para a Gráfica-Leiria.

CALENDÁRIO DE N.ª S.ª DE FATIMA para 1947

Magnifico trabalho — verdadeira jóia de arte — da Litografia Nacional do Porto.

Cada exemplar 1\$50; pelo correio 1\$70. Dez exemplares pelo correio 13\$50. Dirigir pedidos acompanhados da respectiva importância em selos ou vale do correio para a Administração da «Stella» — Cova da Iria (Fátima). O Almanaque sairá brevemente.



SALDOS

que todos aproveitam!!! TECIDOS BARATISSIMOS

SALDOS DE MEIAS E PEGAS!

Lindos tecidos populares ...	5870
Tecidos estampados tabela ...	10820
Tecidos laváveis c/ seda ...	21850
Cretones ramagens p. robes ...	13800
Lindas sedas estampadas ...	19880
Lindas sedas de riscas ...	37850
Sedas double-face ...	39880
Opaletes flores, roupa ...	10820
Flanelas c/ florinhas, roupa ...	16800
Flanelas sarjadas tabela ...	11810
Lindas sedas p. parures ...	32850
Fantasia lá tipo crepe ...	34850

Armazens Populares da PRINCESA DAS MEIAS

Rua do Crucifixo, 75, 1.ª — Lisboa (Próximo a N.ª S.ª da Vitória)
Toalhas alinhadas, 8850 ... 7880
Lenços crepe c/ N. S. de Fátima ... 4840
Veus pretos arrendados ... 17850
Veus pretos bordados ... 21850
Colchas seda adamascadas c/ franja ... 137850
Colchas seda s/ franja, tipo superior ... 159850
Meias seda finas de 1.ª ... 12850
Seda fina costura escura ... 13850
Linho e seda, duráveis ... 24850
Tipo linho finas ... 11850
Provincia e Ilhas. AMOSTRAS GRATIS e tudo a contra reembolso!!!

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

NO MES DE SETEMBRO

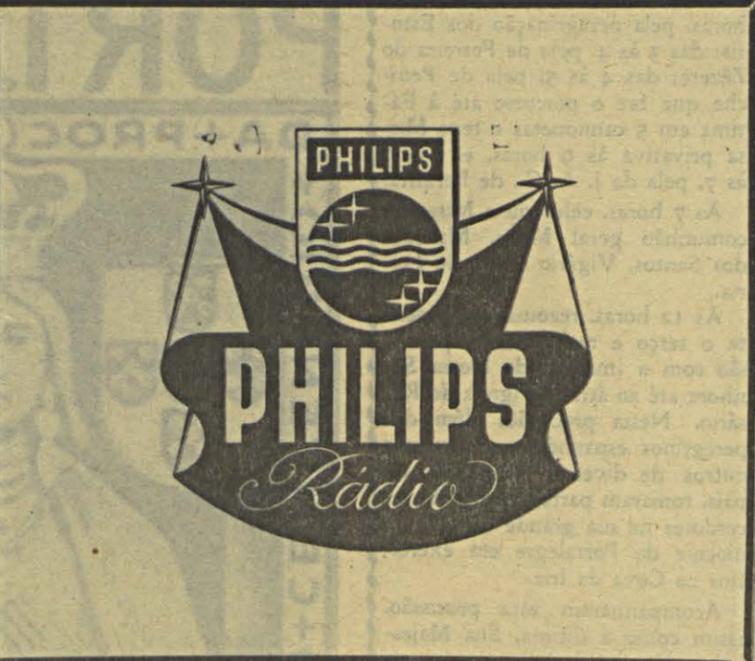
Algarve ...	6.962
Angra ...	16.581
Aveiro ...	6.219
Beja ...	4.950
Braga ...	43.947
Bragança ...	6.581
Coimbra ...	9.462
Evora ...	3.799
Funchal ...	9.699
Guarda ...	9.705
Lamego ...	7.118
Leiria ...	10.029
Lisboa ...	12.818
Portalegre ...	8.299
Porto ...	37.046
V. Real ...	15.247
Viseu ...	5.066

MINHAS SENHORAS!!!

aproveitem os saldos de meias que Império das Meias Av. Almirante Reis 173 B — Lisboa está apresentando!...

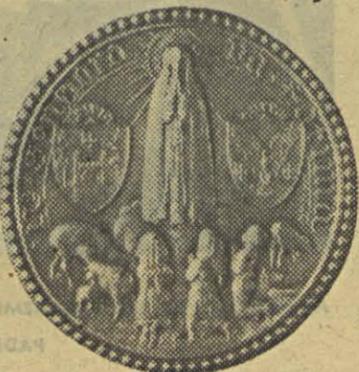
Meias algodão saldo ...	8850
• seda gase ...	9800 e 6800
• Linho fino ...	12850 e 9850
• escocia forte ...	10800 e 7850
• seda tipo natural ...	19880
Soquetes escocia fina ...	11850 e 7850
• algodão saldo ...	8850
Meias seda finissima ...	14850
Combinações malha seda ...	6800
Luvae crochet varias oo-res ...	10800

e muitos outros artigos em saldo!... Artigos tabelados, panos, toalhas, tecidos leves, pano turco etc., peça V. Ex.ª amostras do que precisar que enviamos sem demora para todo o Continente e Ilhas.



MEDALHAS COMEMORATIVAS DA COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA

ASSINADAS PELO ESCULTOR JOÃO DA SILVA



DE OURO E DE PRATA

À VENDA NO SANTUÁRIO

Estrangeiro ... 3.654
Diversos ... 8.890

226.072

GRAÇAS de N.ª S.ª da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

Foi no dia 13 de Setembro p. p. O Chefe dos Servitios do Santuário apresentou-me o Ex.º Senhor Dr. José Strecht Ribeiro de Castelo de Paiva, que desejava falar-me Atendi-o imediatamente. Via-se na sua fisionomia distinta o reflexo de intimo alvoroço. Apenas me pude dizer que vier a pé com sua esposa; entregou-me um relato de cura para ser publicado na «Voz da Fátima» e despediu-se quase soluçando. Impressionado, li o relato que dizia: Em novembro de 1943 D. Maria Alice Duarte Strecht Ribeiro e seu marido Dr. José Strecht Ribeiro, moradores em Castelo de Paiva foram visitar seu filho Justino, de 11 anos de idade, aluno do Liceu Eça de Queiroz, na Póvoa de Varzim. Encontraram-no com um furiosissimo ataque de albumina e logo o levaram consigo; na noite de 12 para 13, o menino perdeu o uso da fala, da vista e do ouvido. Chamados os medicos, dr. Freitas Carvalho e dr. Ribeiro Chaves, declararam tratar-se de um caso alarmante e exigiram a intervenção imediata de um especialista do Porto, dr. Armando Tavares. Apesar de tudo, o doente piorava de instante a instante. Começou a ter fortes convulsões, entrou em coma e em breve na agonia. Foi então que sua mãe invocou a intervenção de Nossa Senhora da Fátima, e com tal fé o fez que ante a admiração e espanto de todos, foi ouvida. O menino salvou-se!

Cumprindo a sua promessa esta senhora, em companhia do seu marido, saiu de casa a pé no dia 5 de Setembro, chegando a Fátima no dia 11, ás 20 horas. Percorreram 240 kl. em 58 h e 25 m. Graças à Virgem Mãe puderam aguentar tão longo precurso sem se molestarem.

Fiel Pedro Fernandes, Carvoeiro, Beira-Baixa, soffera durante 14 anos o doloroso incómodo de duas hernias; recorreu a Nossa Senhora da Fátima e as hernias desapareceram o que foi confirmado com o atestado clinico. Vem tornar publico o seu agradecimento a Nossa Senhora.

D. Maria Elvira da Mota Azevedo, Castelões, Penafiel, escreve: «Meu filho José Manuel que então contava apenas vinte e um meses foi acometido repentinamente de uma grave doença, chegando a estar ceguinho e sem acôrdo de vida. Recorri então a Nossa Senhora da Fátima, dei-lhe água do Santuário, e, com espanto dos proprios medicos, meu filho recuperou todos os sentidos e ficou com mais saúde do que até então tinha. Cheis de reconhecimento venho agradecer publicamente tão grande graça da Mãe de Deus»

Menina Maria C. de Lemos Martins, Av. da França, Porto, esteve gravemente enferma com um abcesso na cabeça provocado por um sofrimento num ouvido. O caso era tão grave que chegou a estar tudo preparado para o funeral pois a menina já não dava acôrdo de si. Os medicos afirmavam que havia 5 probabilidades contra 95 se se tentasse uma intervenção cirúrgica. No dia 13 de Abril do ano corrente (1940) foi operada. A familia e outras pediram a Nossa Senhora que a operação delicadissima corresse bem. Efectivamente a menina, dentro de pouco tempo, estava salva.

NOS AÇORES

António de Rocha Mancêbo, S. Bartolomeu, Terceira, adoeceu gravemen-

te de febre intestinal. Reconhecendo o médico a gravidade da doença declarou ser urgente levá-lo para o Hospital. Foi efectivamente internado no Hospital do Santo Espirito em Angra do Heroísmo. Entretanto a doença agravou-se e não cedia aos tratamentos mais energicos. Era um caso desesperado na opinião do médico assistente que exigiu a presença doutro médico. Chegando o clinico ao quarto do doente nada fez e apenas declarou ao seu colega assistente: Não trato de mortos, nem a mortos aplico remédios, pois ele está morto.

Pelo telefone foi chamada a familia para lhe assistir aos ultimos momentos. Todos tinham já perdido a esperança, apenas a esposa do enfermo a não perdera. Ajoelhada junto do leito do marido moribundo, implorou o auxilio de Nossa Senhora da Fátima. Essa oração assim feita com tanta confiança e fé, no meio de indizível aflicção, foi atendida por Aquela que e invocadora dos Enfermos e Consoladora dos Aflictos. O doente começa desde logo a melhorar e dentro em poucos dias volta radiante de gozo ao seu lar onde e recebido jubilosamente pelos filhos. Os medicos assombrados ante o sucedido não se têm que não exclamem: «não foi uma cura, mas uma ressurreição»

Gracias e lóuvores sejam tributadas a misericórdia de Maria, Mãe dos pobres pecadores e saúde dos enfermos!

EM MOÇAMBIQUE

D. Esmeraldina Bianco, Lourenço Marques, escreve: «Casada havia quatro anos, tinha grande desgosto de não ter filhos. Na procissão das velas, em Lourenço Marques, no ano de 1942, pedi com todo o fervor a Nossa Senhora da Fátima a graça de ser mãe. Em Abril de 1943 vi realzada a graça pedida com o nascimento de uma filha. Verdadeira graça extraordinária, porque em vão já tinha feito varios tratamentos medicos para esse fim. Como prometi venho tornar publico na «Voz da Fátima» o meu reconhecimento a Nossa Senhora.

NO BRASIL

Silvio Fiamoucini, Rodelo, Est. de Santa Catarina, conta como a sua mulher tivera uma terrivel infecção proveniente de um parto. Só passados 13 dias foi levada para o hospital local declarando-lhe o médico, dr. Hernani de Oliveira ser já tarde para atalhar o mal. Entretanto, foi-lhe aplicada a penicilina, mas sem resultado algum. De dia para dia a enferma piorava. Volveram duas semanas. Seu marido que sempre a acompanhara pediu a Irmã enfermeira um livro ou jornal para ler. Providencialmente a Irmã emprestou-lhe a historia da Fátima que elle enterbeididamente. A esposa piorava ainda. Ele entra no quarto em que ella agonisava já; tinha recebido os ultimos Sacramentos; junto do leito estava a vela acesa. Com a maior comoção saiu do quarto, entrou na capela e invocou com muita fé Nossa Senhora da Fátima. A sua prece foi atendida; a esposa desde logo principiou a melhorar, e decorridos oito dias de convalescência, regressaram a casa. Fizera a promessa de adquirir uma imagem de Nossa Senhora da Fátima e de a collocar numa capela, no alto de um monte que já e conhecido pelo mórro da Fátima. No dia 30 de maio de 1946 berzeu-se solememente a imagem e celebrou-se no alto do monte uma Missa Solene em acção de graças.

Agradecem outras graças

D. Maria Teresa, Graciosa (Açores).
D. Maria do Carmo, Reis, Almagrela

— Em acabando de lavar a loiça, limpas-me estes sapatos vais levar-me o vestido à modista, depois esfregas a escada e vais buscar as meninas ao colégio. E despachar.

Imponente no seu longo roupão vermelho, na sua elevada estatura, na voz e no gesto, D. Arlinda rodou da cozinha onde o pobre 25 inclinado sobre o alguidar fumegante suava por todos os poros.

Dentro de casa era o serviço que mais lhe custava; tinha as mãos largas, ossudas, desajeitadas e a loiça molhada era tão escorregadia... Esfregar a escada era, porém, mil vezes pior, pela humilhação que soffria com pessoas a passarem constantemente pois havia muito movimento no prédio, sobretudo àquella hora.

As vezes o 25 sentia uma espécie de revolta que lhe punha a cabeça em fogo. Valia a pena um homem ter andado na guerra, ter abraçado a seu ver a mais nobre das carreiras — servir a Pátria — para agora andar ali feito um farrapo ás ordens duma mulher; Ah, que se não fosse a amizade que elle tinha ao seu tenente... Amizade e dedicação... Nem elle sabia o que teria feito.

Aos recados — de toda a sorte — já estava habituado. E havia um que a bem dizer o compensava dos mais enfadonhos ou humilhantes; levar e trazer as meninas que frequentavam, semi-internas — um colégio um pouco afastado.

Eram ambas tão boazinhas, tão suas amigas... Distraía-se tanto com as suas conversas e as suas histórias...

Em casa, mesmo, quantas vezes fugiam para junto dele, para a cozinha, sobretudo a mais pequenita. E queriam-no ajudar, a todo o serviço porque não havia criada que parasse naquela casa.

Enxugava o rapaz o último prato quando o tenente appareceu entre portas com uma carta na mão:

— Precitava disto entregue já no quartel... Podes lá ir?

Que diferença do tom de comando da mulher...

Todo perfillado o 25 não hesitou:

— As suas ordens, meu tenente.

Enxugou as mãos à pressa, pegou na carta e ia já de escantilhão pela escada abaixo quando se ouviu um grito:

— O meu vestido...

Mas o 25 fez ouvidos de mercador e saiu a toda a pressa. Ao voltar da esquina, porém, deteve-se um momento.

Sentia um mal estar que certamente provinha de remorsos.

Não de ter fingido que não ouvira o grito de D. Arlinda — a modista era para o lado oposto do quartel, no outro extremo da cidade e mais valia dar essa volta quando fosse ao colégio — mas porque o mais certo era ter-se seguido uma cena entre marido e mulher e quem sabe se algum «fanico», coisa a que ella era muito atreita quando não satisfazia a sua vontade, os seus caprichos...

A peregrinação de Setembro, 13

(Continuação da 1.ª página)

Pereira Gens, director do mesmo, Alfredo Pimentel, Samuel Raposo Pessoa, Artur Eugénio Pereira Rufino e Sousa Guedes.

Quando se realizava a procissão em que a Imagem da Santissima Virgem era reconduzida no seu andor para a capela das aparições, no meio das aclamações entusiasticas dos peregrinos, verificou-se a cura surpreendente de Josué Ribeiro, de 20 anos de idade, de Mira, Cantanhede. Tinha uma paralisia dos membros inferiores e uma

IMPEDIDO

E era isto uma senhora... Mais valia então uma mulher do campo, como a mãe dele que, se não sabia ler nem escrever, sabia dar ordem e sossêgo à sua casa.

Mas que estava elle ali com considerações quando era preciso entregar aquella carta com urgência?...

E o 25 pôs-se a caminhar a toda a pressa — as pernas ligeiras mas a cabeça pesada, cheia de pensamentos graves, de ideias tristes também.

Ao atravessar um rua, alheio em absoluto ao movimento em redor e aos acenos desesperados do snaleiro, veio sobre elle um automóvel embora em andamento moderadissimo, tombou-o e o pobre rapaz foi bater com a fronte na borda do passeio caindo sem sentidos.

Levantado logo, lá o levaram para o hospital. A carta, encontrada no bolso, seguia pouco depois para o seu destino, mas o 25 devia ficar ali, entre a vida e a morte, por mais de quinze dias.

... ..

— Parece impossivel! Há uma hora que saí!... Isto não se atura... E como é que a modista me há-de arranjar o vestido para amanhã?... Os sapatos por limpar e a camurça a cortar-se toda!... Ora não há!... E a culpa é tua que tratas essa gente com toda a deferência... É sempre assim... Já se sabe!... Dá-se-lhe o pé e tomam a mão...

Desde que passara o tempo indispensavel ao impedido para ir ao quartel — ir num pé e vir no outro — D. Arlinda não se calava se é que se possa dizer que esteve calada alguma vez pois não deixou de recriminar o marido por lhe ter transtornado o plano de serviços para o resto da tarde.

— Na verdade também estranho a demora — disse a certa altura o militar levantando a cabeça dos mapas em que estava a trabalhar. É sempre tão pronto, tão dedicado...

— Isso... Gaba-o... Está-se mesmo a ver a prontidão!...

Se fosse coisa em que eu governasse, se fosse criada minha já hoje me não dormia em casa... Essa te garanto eu!

— Por isso estás sempre tão mal servida — aventurou a meia voz o marido, impaciente.

Mas logo recesso de ter aticado ainda o «incêndio»:

— De facto isto não pode ser... Vou ali a leitaria telefonar a saber se o capitão já recebeu a minha carta...

Foi-se e voltou em breve. A carta tinha sido recebida naquele instante, remetida do Hospital militar e com a informação do que se passara.

— Vou imediatamente vê-lo — decidiu o tenente. Pobre rapaz!

Bem me parecia que devia haver um motivo importante...

D. Arlinda abriu a boca, ia a dizer com a habitual vivacidade do seu egoismo:

— Imediatamente, não! Vais primeiro arranjar-me quem o substitua e depois faze o que quiseres...

Mas envergonhou-se. E depois o seu coração não era de pedra. E era mãe... E lembrava-se de que dias antes, indo num eléctrico, vira as pequenitas que voltavam do colégio acompanhadas pelo impedido e pudera observar com que cuidado elle as fizera atravessar a Avenida num ponto em que o trânsito é tão perigoso.

Portanto disse somente:

— Depois dizes-me, lá mesmo do Hospital, como elle está.

Encantado com esta attitude, o marido declarou:

— Vou fazer diligência para ir buscar as pequenas. Se de todo não puder, aviso-te a tempo...

— Está bem — foi a resposta que só tinha o seu quê de um pouco seca.

O marido saiu e ella ficou-se um bocadinho imóvel, pensativa. Quem havia de dizer que um rapaz cheio de saúde chegava àquelle estado dum instante para o outro?...

Morreria, talvez... Coitado!... E não teria ella sido injusta para com elle algumas vezes? Sim, o marido tinha razão em dizer que elle era muito pronto, muito dedicado... Mas, a seu ver, os homens... nunca se lhes devia dar muito os «améns»...

E as filhinhas?... Que pena ellas iam ter daquele rapagão que se fazia criança para brincar com ellas e que só queria adivinhar-lhes as vontades!...

D. Arlinda limpou uma lagrima e olhou de relance o espejo não fosse essa lagrima vincar-lhe alguma ruga no rosto ainda tão fresco...

Então encheu-se de ânimo: foi buscar os sapatos e escovou-os cuidadosamente. Depois arrumou a loiça que tinha ficado em desordem na cozinha e começou a preparar o jantar.

Quando o marido chegou com as pequenitas tudo estava na melhor ordem. D. Arlinda, dai para o futuro, foi uma boa dona de casa e quase a melhor das esposas e das mães.

Por fim o 25 restabeleceu-se, voltou ao seu posto por algum tempo e hoje, na sua terra natal, já avô uma dúzia de vezes, gosta ainda de escrever ao seu antigo official, a saber da senhora e das meninas — também já nos seus lares. E as suas cartas começam sempre nos mesmos termos:

— O meu tenente dá licença?...

Apesar do tenente já ser major... M. de F.

«VOZ DA FATIMA»

DESPEZAS	
Transporte	3.366.569\$02
Papel, Imp do n.º 268	23.750\$E5
Frang. Emb Transporte do n.º 268	1.235\$45
Na Administração	330\$00
Total	3.411.884\$31

Despesas desde 30\$00

Dr. João Martins de Freitas, Guimarães, 70\$00; Francisco Luis Louro, Alcácer do Sal, 50\$00; D. Maria Amelia S. Vitória, R. do Sul do Tejo, 40\$00; Justino Luis Teixeira, Arouca, 30\$00; D. Alice de Sequeira, Suica, 100\$00; D. Maria das Dores Souto Silva, Forte 100\$00; D. Leonor Rodrigues Passos, Braga, 40\$00

Visconde de Montelo

O tricentenário da PADROEIRA

Na mente dos nossos Ex.^{mos} Prelados, as cerimónias grandiosas que toda a vida lembraremos com saudade, da Coroação de Nossa Senhora da Fátima, em Maio passado, as que vão realizar-se em Évora e Vila Viçosa, neste mês de Outubro, e as que se anunciam em Lisboa e no Porto, para o próximo dia 8 de Dezembro, constituem actos vários de uma única comemoração: o Tricentenário da Padroeira. Nem, pela sua dispersão, deixam de englobar-se neste movimento único e nacional as festas diocesanas, regionais e locais, em honra de Nossa Senhora, em que, para glória Sua e alegria nossa, este ano tem sido fértil.

O Tricentenário da Padroeira! Não é preciso repetir o que diz a História, porque toda a gente o sabe já. Nas cortes de Lisboa de 1646 (faz agora, portanto, trezentos anos), agradecido por tantos favores e confiado na Sua protecção, propôs D. João IV que se tomasse por Padroeira do Reino a Virgem Nossa Senhora, sob o título da *Imaculada Conceição*, e comprometeu-se a pagar o feudo anual de 50 cruzados de ouro à capela de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, «por ser a primeira que houve em Espanha desta invocação». Em carta de 11 de Setembro de 1646, o mesmo Soberano determinou que as Câmaras, com o cabido e mais clero, egessem também por Padroeira a Nossa Senhora da Conceição.

Assim se fez, e a Virgem Santíssima, sob a invocação particular de Nossa Senhora da Conceição, ficou a ser, de direito e de facto, a Rainha de Portugal. Atestam-no as lápides mandadas colocar, por ordem régia, «em todas as portas e entradas das cidades, vilas e lugares de seus reinos». Ainda hoje se encontram algumas bem conservadas, embora em lastimável estado de abandono.

É este preito de vassalagem que os nossos Bispos, com o clero e fiéis que lhes estão confiados (presentes ou em espírito), irão renovar no próximo dia 20, aos pés de Nossa Senhora, em Vila Viçosa.

Se podemos exprimir-nos assim, a Coroação de Nossa Senhora da Fátima, pelo Legado do Santo Padre, teve um carácter mais universal e Maria Santíssima ali recebeu, verdadeiramente, as homenagens que Lhe são devidas como Rainha e Senhora do Mundo todo. As cerimónias de Vila Viçosa vão ter um carácter mais particular, mais íntimo, mas nem por isso menos caro ao nosso coração de portugueses: reconhecimento de uma vassalagem secular, que se reafirma e reata, até no pormenor significativo do pagamento do feudo anual, há bastante tempo interrompido.

Muitas vezes se tem afirmado que a protecção de Nossa Senhora tem sido a trave mestra da nossa História, a devoção à Mãe do Céu a alma da própria nacionalidade, desde D. Afonso Henriques aos tempos actuais. Mas cremos que ninguém até hoje o mostrou e proclamou, nem com tanta clareza nem com tanta autoridade, como o Santo Padre Pio XII nos seus memorandos discursos em língua portuguesa de 31 de Outubro de 1942 e 13 de Maio do ano corrente. «Amor imenso, expresso em benefícios sem conta, que a Virgem Maria tem esparzido sobre a sua «Terra de Santa Maria». Oito séculos de benefícios!»

Ora amor com amor se paga e a ingratidão é pecado muito feio. Portanto, glosando as palavras do Sumo Pontífice:

— *Colectivamente*, a Coroação de Nossa Senhora da Fátima e a renovação do preito de Vila Viçosa não-de constituir sinal «de amor e gratidão pelo passado, de fé e vassalagem no presente», e tornar-se ainda, para o futuro, num compromisso «de lealdade e esperança». Portugal fica obrigado, como país vassalo, a «uma submissão leal à sua autoridade, a uma correspondência filial e constante ao seu amor».

— *Individualmente*, cada um de nós se obriga também «a trabalhar para que Ela seja amada, venerada, servida à nossa volta, na família, na sociedade, no mundo». Para isto não haverá melhor maneira do que fazer-Lhe a vontade, fugindo do pecado, vivendo «um catolicismo iluminado, convicto, desassombrado, de fé e de mandamentos, de sentimento e de obras, em particular e em público».

Se assim fizermos, teremos aproveitado as lições deste ano jubilar, teremos alegrado o Coração Imaculado de Maria, teremos contribuído para apressar «a hora do seu triunfo e do triunfo do Reino de Deus».

II CONGRESSO MARIANO NACIONAL

Promete revestir invulgar brilhantismo o II Congresso Mariano N. que terá lugar em Évora nos dias 16, 17, 18 e 19 de outubro. Não é um acontecimento que possa ser indiferente aos devotos de Nossa Senhora.

Três coisas não-de marcar nestes dias marianos.

I. A exposição Diocesana de Arte Sacra e especialmente mariana.

II. A estreia do poema sinfónico «Fátima» de Mário Mateo.

III. A elaboração do Cancioneiro da Virgem.

No dia 20, peregrinação nacional a N. Senhora da Conceição de Vila-Viçosa.

Depois do inolvidável 13 de maio em Fátima, as festas Marianas de Évora e Vila-Viçosa serão as mais grandiosas de todas quantas se têm feito neste ano do 3.º centenário da Excelsa Padroeira.

Vamos todos ao solar da Rainha de Portugal, a Vila-Viçosa onde há 3 séculos o Rei Restaurador lhe confiou a Pátria Portuguesa.

Crónica Financeira

Acabamos de receber a folha n.º 8 do Serviço da Estatística Agrícola, com o estado das culturas em 31 de Agosto findo. Atendendo à situação aflitiva em que está vivendo o povo das aldeias por falta de géneros e até de pão, vamos transverer para aqui as informações nela contidas porque são verdadeiramente animadoras.

Começemos pelos cereais que são a base da alimentação do povo do campo. Do trigo diz que se prevê que a produção seja de cerca de 4,9 milhões de quintais, ou sejam 490 mil toneladas.

Vejam o que isto representa para as necessidades da nação. A produção média dos cinco anos que vão de 1939 a 1943, foi de 410.383 toneladas. O consumo médio nos anos de 1940 a 1944 foi de 560.141 toneladas. A média das importações nestes mesmos anos foi de 149.758 toneladas. Tomando para base do consumo do ano próximo a média dos anos de 1940-1944, segue-se que a importação de trigo a fazer no ano próximo será apenas de 70 mil toneladas. Se o Governo, durante cinco anos de guerra conseguiu importar em média cerca de 150.000 toneladas de trigo por ano, que dificuldade terá em importar menos de metade, isto é, 70.000 toneladas, no segundo ano de paz?

Não, tenhamos confiança que no próximo ano não poderá haver falta de trigo.

Vejam agora o que há a respeito do centeio. A produção deste cereal está avaliada este ano em 140.000 toneladas. E a maior produção desde 1934, pelo menos, pois que desde essa data que não passa de 120 mil toneladas. A importação do centeio, no decénio de 1934-1943, só se fez no ano de 1944 em que a colheita foi muito fraca (71 mil toneladas apenas). Nos outros anos foi nula. A conclusão a tirar é a que haverá centeio de sobra. E verdade que a falta de milho obrigou muita gente a comer o centeio logo após a colheita, nas terras onde este cereal se usa habitualmente como *mistura*. Mas houve também centeio que chegará para tudo, graças a Deus!

As provisões para o milho eram, em 31 de Agosto, de 1.121.000 hectolitros para o de sequeiro e de 3.381.000 hectolitros para o de regadio. Ao todo, 4.502.000 hectolitros, ou seja, 324.000 toneladas de milho.

A produção média deste cereal nos anos de 1939 a 1943 foi de 374 mil toneladas. A produção deste ano será de 50.000 toneladas a menos, segundo está previsto. Apesar de inferior à média dos cinco anos acima considerados, a *previsão* não se pode dizer que seja má, porque é bastante superior à média dos anos de 1934-1938 que foi de 296.741 toneladas apenas.

Por outro lado, o tempo está a correr para os milhos de regadio o melhor possível. Se assim continuarem até às colheitas, é muito possível que a produção real venha a exceder as provisões feitas em 31 de Agosto. Mas ainda mesmo que a produção venha a ser apenas a prevista, o ano de milho será bom e não haverá nada que justifique que se venha a sentir falta deste cereal no mercado.

Em resumo, tudo faz prever que o ano que vem seja farto, pelo menos de pão.

PACHECO DE AMORIM

ESCOLA ACADÉMICA DO PORTO

(Quinta do Pinheiro, 4 — PORTO)

Recebe alunos internos, semi-externos e externos para os Cursos do Comércio, do Liceu e da Admissão ao Instituto de Educação Católica. Pedidos à Direcção

PALAVRAS MANSAS Sacristia da Sé do Porto

Vou dar notícias dela a quem anda por longe e a recorda.

Está em obras, e obras de vulto, que se não podem fazer rapidamente. Ainda bem que a esperança adoça um pouco a tristeza de a ver assim revolta e desmantelada...

A decoração interior da sacristia era em estilo *rocaille*, elegante e gracioso. No exterior, tinha nos estribos, cachorros, platibandas e ameias, outros tantos elementos característicos do estilo gótico. As primitivas janelas foram substituídas a beneficio da luz e da decoração interior.

Um elmo de viseira de aço sobre a cabeça duma grande dama da corte de D. João V... Mas não dava por isso, felizmente, quem entrava na sacristia. A admiração fechava os olhos diante do anacronismo, aliás tão frequente em monumentos de que se orgulha e honra a nossa terra.

A fundação do Cabido da Sé do Porto transmonta a própria fundação da Monarquia. Nos documentos referentes aos primeiros anos do episcopado de Dom Hugo assinam com ele clérigos, que se dizem monges da igreja de Santa Maria do Porto. Mas quando a obra reorganizadora do grande Prelado se firma e robustece, já os documentos têm a assinatura de clérigos, que se dizem cônegos.

D. Hugo, instituidor do Cabido do Porto, governou esta diocese, quando Portugal era apenas um condado da rainha D. Teresa, a *formosissima* Teresa, como dizia a gentileza do conde D. Henrique. Quem era? donde veio? Alguns dos nossos mediavelistas dizem com toda a segurança que era francês de nação, quando o próprio D. Hugo na História compostelana, de que foi um dos autores, dá claramente a entender que era da Galiza, possivelmente de Compostela.

O nome não é bastante para o nacionalisar francês, dando-se o caso de Compostela ser por esse tempo uma cidade cosmopolita, a Roma do ocidente. Quantos Hugos por lá passaram! quantos Hugos lá viveram!

O Bispo do Porto foi, desde a infância, agasalhado e protegido por D. Diogo Gelmires, primeiro arcebispo de Compostela, que foi, na Galiza inquieta e desordenada, um verdadeiro caudillo.

Alexandre Herculano trata-o com desamor e rudeza, não só porque a sua acção política não era a que mais nos convinha, mas também porque o Prelado sem mentalidade liberal, tipo francês, não se prestaria a ser um expedicionário do Minde... D. Diogo Gelmires, diga-se de passagem, é agora muito lembrado

na sua terra, como homem de acção larga, vigorosa e fecunda e como fundador da marinha espanhola, destinada então a defender dos piratas as costas da Galiza e certamente também, a pedido de D. Hugo, as costas de Portugal.

Deste Bispo, antigo cônego-cardenal da Sé de Compostela, restaurador esclarecido, persistente e hábil da diocese do Porto, que tinha apenas uma ermida no alto do burgo a servir de Catedral, chegaram até nós a História compostelana, documentos do Censual, uma boa parte do transepto da Sé e a igreja de Cedofeira, que foi sagrada por ele, Sagrada e dedicada a S. Martinho, patrono dos cavaleiros da fé, da reconquista, das cruzadas... — Deus o quer!

Diria também o mesmo D. Hugo ao entrar na sua diocese sem catedral, sem recursos, sem limites e, para mais, exposta às correrias dos mouros e ao assalto dos piratas. Até ao Douro, mesmo em frente da casa episcopal, acastelada, estendia-se a diocese de Coimbra!

Deste grande Bispo, que ia a Roma com a facilidade com que nós vamos a Lisboa, disse Leite de Vasconcelos na Academia das Ciências, que devíamos considerá-lo como o verdadeiro fundador do Porto. Deulhe, com o primeiro foral, toda a sua alma de pastor.

Desde a instituição do Cabido, houve sempre cônegos na catedral do Porto. Primitivamente, no tempo da vida comum com o Bispo, tão regrada e piedosa, diz um velho documento que dormiam todos numa câmara, comiam em outra e juntavam-se, em horas de folga, na crasta.

Da maior parte deles nem ao menos chegou até nós o nome — isto que se presa tanto e afinal vale tão pouco. A Escritura lá diz que, depois da morte de certos homens, até o nome que eles cá deixaram apodrecece...

Aos cônegos, na sua maior parte, como aos canteiros que ergueram a catedral, não há pergaminho nem inscrição que os lembre. Silêncio, cinza, passado... Sabe-se que rezaram, aconselharam, ensinaram, edificaram... Tanto basta. Sobretudo na Meia-Idade, deve-lhes imenso a cultura da diocese.

De muitos cônegos, porém reza ainda o Censual e o livro do sr. Dr. Ferreira Pinto, de aturada e séria investigação.

Já que passaram todos pela sacristia da Sé, no princípio e no fim das grandes solenidades ou nos intervalos do coro, lembrei também alguns, posteriormente à primeira invasão dos bárbaros...

CORREIA PINTO

Oração para o Tricentenário da Padroeira

Senhora da Conceição, gloriosa Mãe de Deus e Rainha dos ceus e da terra, nós, Vossos filhos que, gemendo e chorando, peregrinamos neste vale de lágrimas, para Vós erguemos humildemente os olhos e o coração, rendendo-Vos graças por tantos benefícios que nos tendes concedido, nomeadamente por nos terdes preservado do flagelo da guerra que ensanguentou quase todo o mundo.

Recordando que, há precisamente três séculos, os nossos maiores, em hora aflitiva para a nossa pátria a Vós recorram e com inabalável confiança Vos aclamaram por Padroeira da nação portuguesa, queremos reiterar esse preito de vassalagem e pôr de novo nas Vossas mãos os nossos destinos e os destinos da nossa pátria.

Para tanto se vai realizar em Vossa honra um Congresso Nacional em Évora e uma peregrinação também nacional ao Vosso solar de Vila Viçosa, a renovar ali a homenagem solene dos nossos pais e a proclamar-Vos de novo nossa Rainha e nossa Padroeira. Para estes actos piedosos imploramos a vossa bênção, a fim de que não sejam apenas uma exterioridade aparatosa, mas traduzam o arfar de corações agradecidos e de almas crentes, e signifiquem o regresso de Portugal às suas nobres tradições cristãs. Assim seja.

200 dias de indulgência.